

DO CORPO VESTIDO AO CORPO NU - O CORPO FEMININO NO TEATRO DE REVISTA

Vera Collaço

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Teatro de Revista, corpo feminino, vedetes e *Girls*.

Nesta comunicação aponto para uma análise das significações que o corpo foi adquirindo no Teatro de Revista brasileiro desde o final do século XIX até o final da década de 1960. O recorte estabelecido neste trabalho diz respeito apenas ao corpo feminino. O corpo feminino, e do corpo feminino, deste teatro, focalizo no corpo das vedetes e das *girls*.

Chamo a atenção que para este gênero teatral é, ou era, fundamental o diálogo com o momento presente, este “presentismo”, que quase pode ser definido como o elemento central da estética revisteira. É no presentismo, na referencialidade ao seu contexto imediato que está à riqueza e a dificuldade para entendermos este gênero teatral na nossa atualidade. Mas, mesmo com estas barreiras, estamos diante de um gênero teatral que permite uma leitura, ou **re-leitura**, do passado como talvez nenhum outro o possibilite. Flora Süssekind (1986) chega a denominar as Revistas, no seu caso as Revistas de Ano, e que eu me aproprio e o estendo a todo este gênero, como **mapas, painéis, panoramas**. Mapas é uma imagem do significado da Revista importante para meu raciocínio, pois faz com que a Revista aponte caminhos que estão sendo construídos simultaneamente no social e no palco. No palco estamos no reino da ficção, mas as atrizes, as vedetes e as *girls*, são pessoas de carne e osso, ou seja, possuem corpo, e, conseqüentemente, estão sujeitas a coerções e a desejos de adequar-se aos novos tempos. Elas fazem avançar a fronteira do pudor mais rapidamente do que no social, expõem-se mais à visibilidade, permitem-se mais intensamente a exposição do prazer de possuir corpos bem delineados e submetê-los a apreciação do outro.

O Corpo Vestido

Corresponde ao período onde a dominante era a Revista de Ano, na qual o trocadilho e a possível alusão ao sensual e sexual estava colocado na palavra e não no gesto, portanto, não estava no corpo, e muito menos no corpo feminino. Neste período, que pode ser compreendido entre 1884, esmaecendo a partir de 1910, deve-se ressaltar que a força do palco estava centrada na figura masculina, especialmente nos atores cômicos. Podemos afirmar que a vedete da Revista de Ano era o comediante.

Nesta fase revisteira o corpo das mulheres, ainda que considerado exposto para o período, estava bastante protegido. As *girls*, que ainda se denominavam de coristas, usavam meias grossas na cor da pele. Os decotes eram discretos, e as vedetes usavam poucos adornos chamativos e menos ainda apelativos ou de duplo sentido. Embora transgressora para os moralistas de plantão, mais pela palavra do que pela cena, esta revista margeava os limites da moral vigente. O corpo

estava protegido por “fantasias” que não o expunham no seu todo. Como afirmado acima, neste período a insinuação verbal era o mote de riso na revista.

O corpo despido

De acordo com Anne-Marie Sohn (2006:110) “o recuo do pudor”, esboçado desde a *Bella Époque*, “vai se acelerando no período entre-guerras e se difunde durante os Trinta Gloriosos”. Neste período temos o início da grande virada no Teatro de Revista. Na primeira década do século XX a Revista de Ano começa a ser substituída pela Revista, depois denominada de Revista Clássica. Abandona-se o tênue fio de enredo, e, conseqüentemente, a música e a dança ganha mais espaço. Como afirma Délson Antunes (2002:49) na década de 1920 “o teatro ligeiro embarcava na folia. Consolidava-se definitivamente o grande período das revistas-carnavalescas, que impulsionou a popularidade do gênero”. O predomínio carnavalesco não implicava somente o voltar-se para as músicas e marchas destinadas a folia do carnaval. Implicava, também, e isso é muito significativo, uma nova relação com o corpo, com este corpo que dançaria de forma diferenciada, com cadência e uma centos todo particular nas “cadeiras”, no rebolado feminino.

Duas companhias estrangeiras em *tournée* pelo Brasil foram significativas para alavancar o “recuo do pudor” na cena revisteira. Em 1922 esteve no Brasil a Companhia de Revista Ba-Ta-Clan, de Madame Rasimi (França), e em 1923 veio a Companhia Velasco, companhia espanhol de Teatro de Revista. Estas duas companhias apontam para “a valorização da participação feminina nos espetáculos. As atrizes ganhavam terreno, com os seus nomes despontando nos cartazes como os primeiros nomes das companhias”. (ANTUNES, 2002:54). Mas o avanço foi além, suspendem-se as meias grossas, abre-se o caminho para o nu artístico. Os braços e seios começam a ser expostos e a empolgar as platéias.

Começava a era das vedetes e das *girls* com corpos trabalhados através da dança, corpos que deviam provocar desejo e dar prazer à platéia. “É nos anos 1930 que a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer”. (SOHN, 2006:113).

O Teatro de Revista cominha para a exposição da beleza feminina através de corpos cada vez mais trabalhados e magros. Pois, observa SOHN (2006:111) ao referir-se ao novo corpo em construção na década de 1930, no qual incluímos o corpo da atriz revisteira: “Desde então, com efeito, que homens e mulheres não podem mais trapacear com o corpo, os cânones da beleza física se mostram muito exigentes. A partir da *Bella Époque*, o modelo do homem e da mulher magros e longilíneos predomina”.

A rígida censura do Estado Novo fez a revista investir mais e mais no apelo visual e na beleza dos corpos femininos, realçados pelas luzes, brilhos e lantejoulas. O nu artístico e estático

começa a ser permitido. Mas, a força do espetáculo se mantém pelo trabalho artístico das vedetes, das *girls* e dos grandes cômicos.

O corpo nu

Os limiares da tolerância evoluem rapidamente nos anos 1950. A hipocrisia é deixada de lado. O cinema, as artes imagéticas, a Revista passam a explorar o corpo em toda a sua sexualidade e nudeza. Este processo de desnudamento, das vedetes e *girls* no Teatro de Revista, parece coincidir com o princípio de desmoroamento deste gênero teatral no Brasil, pelo menos é o que nos apontam os estudiosos mais empenhados em compreender o significado e importância do Teatro de Revista brasileiro. Na década de 1950, diz Antunes (2002:124): “as grandes vedetes se tornavam musas. Na falta de outros atrativos, o espetáculo tomava o caminho da exploração desenfreada da sensualidade feminina”. No princípio os nus, eram feitos quase sempre por “estrangeiras”, ficavam localizados no fundo do palco, no alto, às vezes pendurados. As *girls* nuas eram vistas de longe, usando apenas um tapa-sexo, e encobertas pela fumaça, pelas plumas e brilhos.

Neyde Veneziano (2006:277) observa que: “Foi nos anos 1960 que os nus começaram a avançar para o proscênio. Ao mesmo tempo que os corpos despídos investiam, em direção ao *show* de *strip-tease*, as mulheres vestidas, na platéia, recuavam. Revista era espetáculo assistido por famílias. Mudou o caráter e mudou, também, o público que a prestigiava”.

A maioria dos estudiosos deste período aponta para a banalização do corpo e do sexo explícito, dominantes no Teatro de Revista a partir de 1960, como o responsável pelo fim deste gênero no teatro brasileiro. Indo numa espécie de contramão do que vinha ocorrendo no social. Visto que o longo processo de liberação do corpo, especialmente do corpo feminino, “esboçado desde o final do século XIX, mas reivindicado somente nos anos de 1960”, (SOHN, 2002: 132) não parece ser mais compatível com sua exposição na cena revisteira.

Segundo a maioria dos estudiosos do Teatro de Revista a partir de 1960, mas desde 1950 já começa a despontar, a revista perdia sua força para a gratuidade da exposição física. O palavrão e a sexualização excessiva não deixou margem para a insinuação e a malícia que eram as características mais tradicionais da revista.

Acredito que todos os ingredientes acima tiveram parcela no abafamento desta linda história que foi o Teatro de Revista brasileiro. Poderíamos acrescentar a questão econômica, a Revista é uma produção cara. Apresentar um espetáculo de revista implica num grande elenco, figurinos em grande quantidade e alguns bastante caros para vestirem os corpos das vedetes; implica, também, em muitos cenários, mesmo que estes sejam telões, há necessidade de efeitos especiais, luzes, etc. Sem contar com uma orquestra ou um conjunto musical de qualidade. Os custos são enormes e difíceis de serem arcados por um público escasso e fugidio, como se tornou o público do teatro brasileiro a partir da década de 1960. Assim, não me parece que foram os corpos

nus, a saturação do gênero ou a baixa qualidade dos textos que levaram a falência do Teatro de Revista no Brasil, e sim uma peculiar junção de fatores econômicos e estéticos, tal como a valorização excessiva de uma poética cênica dita moderna, e uma perda substancial do público que freqüentava o teatro. O afastamento deste público, de classe média e baixa, das casas de espetáculos tem a ver com as duas causas acima apontadas – econômica e estética – mas, também, com a remodelação das cidades, a partir da década de 1960, que distanciou estes espaços teatrais em relação à moradia e trabalho deste público.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Delson. **Fora do Sério: Um panorama do Teatro de Revista no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. **Viva o Rebolado: Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SOHN, Anne-Marie. *O Corpo Sexuado*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e SÜSSEKIND, Flora. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VENEZIANO, Neyde. **De Penas Para o Ar: Teatro de Revista em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.